

## PRÓLOGO

O Pilar do Mundo estourou numa explosão de cores e sons que se fizeram sentir como algo de físico no imo da alma que por ele era arrastada. A Essência, que a reivindicava como sua, clamava por ela como uma mãe por um filho perdido e regressado, perseguindo o rasto de memórias e fragmentos de emoções que a alma deixava para trás na sua lancinante trajectória pelas águas etéreas. Como um naco de minério exposto a um ácido, a psique era desnudada por sucessivas vagas que lhe dissolviam todas as impurezas com que revestira o seu âmago ao longo de uma vida terrena, impurezas essas que vogavam perdidas pela incolor vastidão como detritos que se desagregavam em pó, reduzindo-se à sua insignificância perante a esmagadora realidade do centro de toda a existência.

Desagregada, a alma limitava-se a seguir aquele que sentia ser o seu rumo predeterminado, resignada com o destino ao qual sabia não poder escapar, vergada pelo peso da sua dívida anímica. Era apenas uma questão de tempo até se ver completamente desnudada, desprovida dos artifícios terrenos com os quais fora revestida, e alcançar por fim a derradeira paz, tornando-se parte de um sublime todo...

E, contudo, isso tardava a acontecer.

Algumas impurezas mostravam-se particularmente sólidas e resistentes, outras pareciam estar a enterrar-se mais fundo, cada vez mais fundo, penetrando o âmago da alma e despertando-a com a pungente dor de memórias de uma existência que não mais desejava recordar... ou pelo menos assim o julgava. Assim fora induzida a acreditar pela inevitabilidade da sua situação, pelo conformismo induzido através da

promessa de eterna paz e do fim de todo o sofrimento. Mas havia algo mais, algo do qual se ia lentamente dando conta, conforme singrava pelo mar etéreo.

O Pilar perseguia-a. Não estava simplesmente a clamar por ela, mas a acozá-la com o frenético desespero de um predador imobilizado que provara o sangue da presa e que agora a via escapar-se-lhe por entre os colmilhos. A alma rebulia rumo a um destino incerto e, embora não vogasse por vontade própria, tão-pouco estava a ser conduzida pelo apelo do Pilar. As memórias que se incrustavam no seu âmago como estilhaços despertavam-lhe outras recordações, reminiscências de uma anterior existência que de alguma forma sabia ter sido a sua. Essas lembranças traziam consigo toda uma outra percepção acerca daquilo que lhe estava a acontecer e davam relevância àquilo que os fabricitantes fragmentos de memórias tentavam despertar — a sua identidade.

Uma vida... um passado... um nome...

Allumno?

Sim, era esse o seu nome: essa peculiar combinação de sons que jamais se faria ouvir no sepulcral silêncio do Pilar do Mundo, essa palavra inteiramente desprovida de sentido por si só, e que contudo agora adquiria uma importância que nunca lhe fora concedida em vida. Havia o *eu* no vazio, havia algo mais além do olvido absoluto que lhe parecia estar predestinado, e essa súbita e inesperada certeza despertou uma consciência que não mais devia existir e que contudo perseverava contra todas as probabilidades.

Sim, ele era Allumno — ou pelo menos aquilo que dele restava. Arrancado à sua carcaça mortal e assolado por forças que pretendiam absorver todo e qualquer vestígio da sua anterior existência, via-se agora impelido por um ímpeto arrebatador que, em termos terrenos, o deixava um passo à frente do Pilar que tentava clamar a sua alma.

Aço milenar a morder-lhe a carne dos dedos até ao osso, sangue quente a escorrer sobre metal frio que racha o legado de um mentor, um amigo, um pai... Uma explosão, a realidade a desemaranhar-se, o próprio ar a ser virado do avesso quando a fronteira entre o sagrado Pilar e o profano mundo terreno é estilhaçada...

Seltor. Aewyre. Um assomo de pânico e urgência, sensações mundanas das quais há muito que deveria ter sido despido, mas que lhe afogueavam a alma com um ardor caracteristicamente mortal que evidentemente ainda não o abandonara. Allumno tentou encontrar o centro da tempestade que era a sua alma, focar-se em algo estável a meio

da voragem em seu redor de modo a conseguir concentrar-se, mas tal não era possível. Transpusera a fronteira entre o Pilar e Allaryia, terçara a Fricção e via-se agora projectado pela inexorável força de uma explosão que sacudira os alicerces de toda a existência. O facto de a sua alma não ter sido esfiapada era um milagre, mas a partir do momento em que quebrara uma das regras fundamentais do mundo como as Entidades o haviam concebido não mais poderia saber com o que deveria contar. Mesmo tão perfunctórias reflexões eram-lhe custosas, pois juntamente com a consciência da sua identidade veio uma percepção que teria avassalado qualquer sentido terreno, dado que, ao singrar pela fronteira entre o Pilar e Allaryia, Allumno via-se literalmente entre dois mundos.

Não só estava ciente do silencioso fervilhar vital do tumulto do Pilar, cuja equanimidade fora posta em causa pelas acções de Seltor, como também se via espectador involuntário daquilo que se passava em Allaryia, vislumbrando eventos a uma velocidade difícil de acompanhar, à medida que ia figurativamente girando em torno do mundo que conhecia e que de alguma forma parecia chamar por ele. Tanto uma perspectiva como a outra seria mais que o que uma mente humana seria capaz de conceber ou suportar com os seus meros cinco sentidos, mas Allumno sentia-se simultaneamente como parte de um todo e algo completamente à parte de tudo o resto. Os ciclópeos movimentos dos segmentos do Pilar eram para ele como o lento girar da roda de um moinho; a Essência crua que este movimento produzia afigurava-se-lhe como o manar de uma infinda nascente; e os ecos da acesa guerra entre os divaroth e os uman contra os acirrados azigoth faziam-se sentir de alguma forma na silente imensidão do Pilar.

Já Allaryia era algo de completamente diferente, como não poderia deixar de ser. O mundo que já fora o seu estava tenso, expectante, e pairava nele algo que deixou Allumno profundamente desassossegado. Sacrificara-se para acabar com a ameaça d'O Flagelo de uma vez por todas e poupar Aewyre, mas as gavinhas de Sombra que ainda coleavam pelo Pilar eram prova de que o perigo ainda não passara.

Um novo assomo de pânico apoderou-se dele e o mago tentou freneticamente estender a sua percepção além dos vislumbres que a sua desenfreada trajectória lhe permitia, além das cenas que não lhe diziam respeito: exércitos que eram mobilizados em terras que desconhecia; perturbações nos segmentos do Pilar, onde hostes de azigoth zumbiam em fúria; cidades que desconhecia com as gentes em pânico devido à terra que tremia e ao silêncio dos deuses... nada disso lhe

interessava. Allumno conseguiu reunir o egoísmo necessário para procurar apenas aquilo que lhe interessava, mas esse mesmo egoísmo apelou aos seus mais básicos instintos, distraíndo-o com preocupações para ele bem mais prementes. Em que estado se encontrava? Tratar-se-ia da manifestação espiritual que por tantas vezes assumira, mas mais descontrolada devido aos efeitos do rasgão que criara entre Allaryia e o Pilar? Seria apenas o processo natural da absorção da alma de um mago após o feneçimento do corpo deste?

Não, a sua presente condição não lhe importava. Fosse como fosse, sabia que estava apenas a adiar o inevitável e que o Pilar acabaria eventualmente por cobrar aquilo que lhe era devido. Como tal, restava-lhe aproveitar da melhor forma o tempo que lhe fora inesperadamente concedido. O Flagelo estava vivo e havia que fazer algo, qualquer coisa, o que lhe fosse possível... a começar por tentar perceber o que se passara.

Paisagens passaram a toda a velocidade aos seus lados como pinturas esborratadas a escorrerem cor e o mago tentou orientar-se a meio da multidude de localidades que não conhecia. O mais difícil foi focar-se unicamente em Allaryia e excluir da sua abrangente visão tudo o que estivesse relacionado com o Pilar — inicialmente pareceu-lhe impossível distinguir ambas as perspectivas difusas, pois os sentidos do mago estavam estranhamente unificados e não havia forma aparente de os focar numa direcção particular, até porque essa distinção era inexistente naquele estranho nexo entre Allaryia e o Pilar. A única forma que encontrou de direccionar a sua atenção foi situar ambas as perspectivas numa relação arbitrária de esquerda e direita, e ignorar a sucessão de imagens que apareciam à direita.

Não era um paradigma fácil de manter, sobretudo em constante movimento e à relativa velocidade a que tudo se estava a passar. Por mais que tentasse, Allumno não conseguia parar e o máximo que conseguia fazer era orientar a sua trajectória, seguindo as referências visuais que já por várias vezes se tinham repetido. Era como se estivesse a dar voltas a Allaryia e, entretanto, já o fizera as vezes suficientes para conseguir ter um mínimo de sentido de orientação. Aqui, o cume de uma montanha ao longo de cujos contrafortes viajara em Laone. Ali, as muralhas de uma cidade namuriquana pela qual passara. Além, aquela que parecia ser a desolada expansão das Estepes de Karatai. Acolá, a sinistra orla de ciprestes mortos de Moorenglade.

Perto, cada vez mais perto, singrando vez após vez por vistas e panoramas familiares, até que por fim avistou Allahn Anroth a enci-

mar Ul-Thoryn do alto do seu altivo monte. Os tectos da cidade pareciam atapetados por uma névoa... não, fumo. Fumo de fogo. Havia casas a arder. Mas não importava, não fora por isso que ali viera. Até ao palácio, então, deixando para trás a alvura coroada de tijolos que era a cidade, rumo a Allahn Anroth, onde tudo acontecera.

Havia sem dúvida algo de estranho no palácio, uma perturbação essencial que inclusive no nexo do Pilar se fazia sentir. Vibrações discordantes afectavam Allumno, mesmo no seu presente estado, e uma força antagónica à atracção do Pilar permitiu-lhe um breve refolgo da incessante perseguição levada a cabo pelas imutáveis leis deste. Alívio passageiro, pois cedo a sua desgovernada órbita o arrancou dali, forçando o mago a orientar-se novamente para voltar e observar o palácio com mais atenção.

Desta feita, concentrou-se numa tentativa de se manter por mais tempo num único local, procurando resvalar nas paredes da realidade de modo a permanecer perto de Allahn Anroth. A sua tentativa foi razoavelmente bem-sucedida e o mago conseguiu entrar no palácio. Homens e mulheres aflitos, caos nos corredores, a Hoste Dourada em movimento pelas escadarias. Daveanorn? Irrelevante. O importante era saber o que acontecera a Aewyre...

Ao chegar à sala das masmorras onde se dera o fatídico acontecimento, Allumno foi abruptamente travado, acometido por um vágado essencial, uma ondulação análoga à dos anéis da superfície de água quebrada por uma pedra. O rasgão encontrava-se ali presente e a fúria da anomalia era tal que o mago teve de se deixar levar pelo ímpeto da sua trajectória, temendo por momentos que todo e qualquer traço da sua existência fosse ali desfeito.

Resoluto, acabou por conseguir voltar e, desta vez, conseguiu resistir à voragem do rasgão e observar a cena. Lhiannah, Worick e Taislin. O fragmento da Lança de Istegard, com o qual rachara a gema anímica, alojado numa pedra deformada. E Aewyre? Ancalach? Ali, as peças da armadura regencial empilhadas no chão rachado.

Oh, não... Deuses, não... O seu sacrifício... teria sido em vão?

O desânimo do mago abalou a resistência que exercia e este foi novamente expulso pela violenta e constante emanção do rasgão, que o lançou uma vez mais ao seu desgovernado percurso. Seria possível? Não, isso não queria dizer nada. Vira a armadura desfeita, mas de Ancalach não houvera qualquer sinal. O Flagelo nunca conseguiria empunhar a Espada dos Reis, logo, a ausência de ambos tinha de significar alguma coisa, qualquer coisa.

Movido por uma pontada de tipicamente humana esperança, quis procurar Aewyre, mas o seu protegido não tinha como se distinguir na vastidão do Pilar e mesmo Ancalach era um mero farol a meio de um oceano cujas dimensões ultrapassavam a compreensão humana. O mago lançou-se então em busca d'O Flagelo, cuja existência se manifestava no Pilar na forma de oleosos veios de penumbra que desaguavam numa imensa sombra que lhe dava um sinistro relevo. O maldito estava vivo, disso não havia dúvida, mas podia ser que o plano do seu mestre tivesse resultado. Podia tê-lo aprisionado ou incapacitado de alguma forma que não tivessem previsto...

Mas não. Seltor não se encontrava preso na sombra do Pilar. Encontrava-se no Pilar, sim, mas não estava de forma alguma aprisionado. A sua manifestação sombria movia-se ao longo dos veios negros, fazendo-os pulsar como veias empoladas de sangue coagulado, e Allumno seguiu-a temerariamente, acompanhando sem qualquer dificuldade a velocidade à qual O Flagelo se deslocava. Não pensou sequer naquilo que Seltor lhe poderia fazer caso sentisse a sua presença, pois duvidava de que isso fosse possível, e seguiu-o com a tenacidade de um sabujo. Nações inteiras fluíram numa torrente de cores e sons, e o continente era como uma vasta tela ensopada pelas águas etéreas do Pilar a desfazer-se diante da desenfreada corrida do mago. Uma sucessão de imagens que deixou Allumno plenamente ciente da sua ignorância ao dar-se conta de que desconhecia a maior parte delas, das colinas de Nolwyn, através das planuras de Thyr, sobre os picos nevosos da Cinta que sobranceavam a fronteira entre a Wolhynia e Tanarch, passando pela devassada Sirulia e seguindo ao longo do Istmo Negro, até por fim cessar em Asmodeon.

A anciana fortaleza das Entidades não apresentou qualquer entrave ao mago, que na sua presente condição se sentia capaz de quebrar todas as barreiras enquanto se mantivesse consciente. Nem mesmo as sempiternas protecções erigidas evos atrás por Sirul, Luris e Siris o podiam alcançar e Allumno penetrou no antro do mal que era Asmodeon, pronto para tudo em busca de respostas. Porém, nada o poderia ter preparado para a visão que se formou a partir da sombra que extravasou do Pilar para Allaryia, para a forma que esta assumiu. Uma forma que o mago conhecia muito bem. Uma forma que ditava o fim de qualquer réstia de esperança que pudesse até então ter nutrido. Aewyre.

De início, Allumno não compreendeu, não conseguiu associar aquilo que via àquilo que sabia que não podia ser. Aquele era o corpo

de Aewyre. Aquela era Ancalach, a espada que ele empunhava. Mas aquele não era Aewyre. Era O Flagelo. Pelos deuses, não sabia como, mas aquele era O Flagelo no corpo de Aewyre. E empunhava Ancalach. Os já de si confusos sentidos de Allumno estavam a transmitir-lhe uma impossibilidade e o mago viu-se absolutamente subjugado pela enormidade daquilo que se recusava a aceitar. Assim aturdido, foi facilmente arrastado para longe dali, para longe daquele lugar de pesadelos onde o pior de todos acabara de se confirmar.

Perdeu a noção do eu, daquilo que compunha a realidade como a conhecera, e deixou-se arrastar sem rumo pelo Pilar fora, para longe de tão cruel revelação. Seria possível? Tanto sofrimento, tantas mortes, tantos sacrifícios... para nada? Aewyre, o seu protegido, a última esperança de todos, tombara ante O Flagelo e fora... possuído por ele? Como era possível? Como poderia isso ter acontecido?

Caindo em si, o mago reuniu coragem e determinação suficientes para regressar a Asmodeon, praticamente ignorando o incessante chamamento do Pilar. Não podia ser. Simplesmente não podia ser... e contudo ali estava ele à sua vista: Aewyre, tal como se lembrava dele, mas com os olhos injectados de um negrume líquido e sombras a revoltearem à sua volta, cingindo-lhe o corpo como o envolvedouro de um recém-nascido. Esmagado por aquilo que acabara de perceber, o mago conseguiu apenas observar enquanto a penumbra assumia a forma de uma armadura ebanizada, revelando Seltor em todo o seu negro esplendor, empunhando a única arma capaz de o matar.

Allumno não conseguiu aguentar e viu-se novamente arrancado da cena com um repelão que o lançou em desesperada deriva pelo nexo entre o Pilar e Allaryia. O pior acontecera de uma forma que o mago jamais teria conseguido prever. Estava tudo acabado e mais valia deixar-se absorver pelo Pilar, permitir que todos os traços da sua existência fossem apagados e diluir as suas angústias no doce néctar do oblévio...

E, contudo, a esperança — essa obstinada chama de vela que recusava apagar-se mesmo quando submergida por um oceano — não lhe permitiu baixar os braços e entregar-se ao desespero. Tinha de haver algo que pudesse fazer, algo que pudesse ajudar os seus companheiros contra O Flagelo... contra...

Aewyre.

Como era possível? Depois de Aezrel, depois de Zoryan, como podia o destino exigir que mais alguém que era querido ao mago tivesse de se sacrificar no combate contra Seltor? A tremenda injustiça

fez com que a chama da vela explodisse em fúria e inflamasse o mago, que raivejou pelo nexo fora, deixando para trás um rasto gritante que mais ninguém conseguiria ouvir. Apetecia-lhe rebentar algo, mas não conseguiu reunir Essência. Apetecia-lhe embater contra algo sólido, mas não havia nada na fronteira entre Allaryia e o Pilar que lho permitisse. Apetecia-lhe desaparecer de vez só para não se ver confrontado com tão horrível situação, poder cauterizar os seus olhos, cravar os dedos nos ouvidos e ser consumido pelo desesperante fogo que dentro dele ardia até que as suas cinzas se dissipassem no Pilar.

Mas não podia. Não sem fazer algo primeiro, por muito que isso lhe custasse, por muito fútil que tal lhe pudesse parecer no grande esquema de tudo o que acontecera e estava por acontecer. Antes de desaparecer, Zoryan julgara-o pronto a fazer sacrifícios, e era para isso mesmo que Allumno se preparava. Mais um sacrifício. Mais um. Chorou lágrimas etéreas de raiva e desgosto, e relampagueou pelo nexo fora, rindo com a ironia da situação ao ver Allaryia escorrer ao seu lado como uma infinda tela imperfeita de cores diluídas. A sua vontade era mandar o continente para os Infernos, ao mesmo tempo que se predispunha a fazer mais um sacrifício para salvar todas aquelas formigas desorientadas que polvilhavam as paisagens que o mago desconhecia.

Urgia que se despachasse, pois poderia mudar de ideias. Poderia hesitar, repensar a situação, ponderar opções que sabia serem inexistentes. Havia que agir quanto antes, tal como o fizera ao arrancar a gema da testa, condenando o seu mestre ao seu havia muito adiado destino.

Sirulia, Wolhynia, Tanarch e Thyr esborrataram-se no rasto do mago enquanto este regressava a Nolwyn, dirigindo-se novamente a Ul-Thoryn, o seu antigo lar. Pelo caminho, ignorou a plenamente visível agitação em Lennhau, onde já circulavam rumores sobre a morte de lorde Tylon, e o assentar das hostes de Vaul-Syrith, cujos corcéis de guerra escarvavam o chão com energia por gastar após a retirada do seu exército. Todas as intrigas palacianas que tanto tinham pesado nas decisões de Aewyre e dos seus companheiros pareciam agora insignificantes ao mago, meras mesquinhices. Que os assinalados barões e baronesas lutassem pelo pedaço de terra que separava o seu domínio do de outrem e o regassem com sangue — que essa safra lhes trouxesse bom proveito. De nada lhes serviria enquanto O Flagelo tivesse rédea solta para levar avante os seus nefandos desígnios.

Tinha de o impedir, custasse o que custasse. Todos os sacrifícios até então feitos não podiam ter sido em vão. Nem que, para os legítimos, tivesse de fazer um último.

Ul-Thoryn desemaranhou-se como uma tapeçaria desfeita e o mago singrou por Allahn Anroth adentro, pulsando de poder à medida que ia reunindo os resquícios de Essência que ainda julgava possuir. A sua face contorceu-se numa careta de esforço e concentração ao fazê-lo enquanto se aproximava do rasgão, cuja dissonância essencial se fez sentir antes de sequer o avistar.

Essência e pura energia anímica entrechocaram com as agonizadas retorções da profunda ferida que fora infligida ao Pilar, e Allumno quase pôde jurar que o rasgão se dilatou como uma pupila exposta a luz repentina.

Não era muito aquilo que se propunha fazer, mas mais não conseguiria. Restava-lhe apenas esperar que bastasse para que ao menos a esperança em Allarya não morresse.

Allumno lançou-se sobre Taislin.